

Ler em Grupo

O caso do quinhentista *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* como objecto de mediação de leitura para um público jovem

Cláudia Sousa Pereira



Edições Colibri



CIDEHUS

PEREIRA, Cláudia Sousa, 1967-

Ler em grupo : o caso do quinhentista "Memorial das proezas da segunda tábola redonda" como objecto de mediação de leitura para um público jovem. – (Biblioteca – estudos & colóquios ; 18)
ISBN 978-972-772-847-3

CDU 821.134.3-39Vasconcelos, Jorge Ferreira de.09
82-93.09
028

Título: Ler em Grupo

Autora: Cláudia Sousa Pereira

Edição: Edições Colibri/CIDEHUS-UE – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora

Capa: TVM

Depósito legal: 284 047/08

Lisboa, Junho de 2009

PREFÁCIO

Pode um livro levar à perda da independência de um país?

A literatura tem, sem surpresa, acusado o analfabetismo dos maiores malefícios. Por exemplo, em *Sentença em Pedra*, um livro de Ruth Rendell, a assassina comete um crime hediondo para esconder a vergonha de não saber ler. *O leitor*, de Bernhard Schlink, adaptado ao cinema com grande sucesso, pode ser visto como um feroz libelo ao analfabetismo – também aqui ocultado – e à obediência cega, como causas mais ou menos directas do nazismo.

Sucede que a obra estudada no livro que aqui se apresenta, o *Memorial das proezas da segunda Tábola Redonda*, do autor seiscentista Jorge Ferreira de Vasconcelos, foi já “acusada” de contribuir para a aventura de Dom Sebastião em Alcácer Quibir, e conseqüentemente, para a fusão dos dois reinos ibéricos, ocorrida em 1580. Tudo isto porque tratando-se de um romance de cavalaria, escrito aliás propositadamente para entretenimento e educação do nosso jovem rei, teria incutido na sua doentia imaginação o gosto desmesurado pela cavalaria e pelas aventuras, e dali ao desastre foi um passo.

Este teria sido certamente um efeito não desejado. Porque, o pretendido – o de contribuir para a educação sentimental do jovem monarca e despertar nele o interesse pelo amor, isto é que se decidisse a casar e a dar um herdeiro à coroa portuguesa – esse, sabe-se, não foi conseguido.

Esta foi a obra escolhida por Cláudia Sousa Pereira para o estudo que viria a defender com sucesso a fim de obter o grau de doutora em Literatura Portuguesa, na Universidade de Évora. O livro agora apresentado, com o título completo *Ler em grupo: O caso do quinhentista 'Memorial das proezas da segunda Tábola Redonda' como objecto de mediação de leitura para um público jovem*, é uma versão muito modificada, como refere a autora na Introdução, da tese defendida em 2000.

Estas modificações são de tal ordem que, mesmo correndo alguns riscos, se poderá afirmar que a obra é considerada aqui a partir de perspectivas muito distantes da intenção inicial. Por um lado o *Memorial* passa a ser visto como um antepassado do que veio a ser comumente designado por literatura infanto-juvenil. Por outro lado, ele deixa prati-

camente de ser o sujeito do estudo para passar a ser um instrumento de um outro desiderato: a promoção da leitura literária entre adolescentes.

Esta mudança de perspectivas não é surpreendente, antes contém uma coerência intrínseca, sobretudo para quem conhece o percurso da autora desde 2000. Por um lado, Cláudia Sousa Pereira, pelo seu trabalho de investigação, pelos seus escritos, e pela sua actividade docente, formadora e auto-formadora, foi-se integrando e é hoje um nome firmado entre os grandes estudiosos portugueses no campo da Literatura Infanto-Juvenil. Por outro lado, e isto é seguramente o mais original, sobretudo quando se pensa numa estudiosa e numa académica, a autora tem desenvolvido um conjunto de actividades práticas de promoção de leitura, que lhe têm sido comprovadamente úteis no estabelecimento de uma ponte necessária, mas frequentemente demasiado longa, entre os criadores e os seus leitores.

Aqui nasce o título principal desta obra – *Ler em grupo* – tendo as referências ao romance passado para o complemento de título, onde aliás é expressamente referido como “um caso” e como um “objecto” específico. O que esta obra propõe é um roteiro para a utilização do *Memorial* num grupo de leitura constituído por adolescentes ou jovens, dinamizado a partir de uma biblioteca pública ou escolar.

É sem dúvida uma proposta corajosa mas arriscada, embora a autora advirta logo na introdução que a sua proposta não se destina a cativar novos leitores, mas sim a proporcionar uma experiência mais exigente a jovens leitores já consolidados.

Os argumentos em defesa da proposta são sólidos e coerentes, nomeadamente os que defendem a necessidade de dar a ler escritos de outras épocas aos nossos adolescentes e jovens. Abundam os exemplos de obras clássicas da literatura universal adaptados para leitura por adolescentes ou jovens, que não raras vezes tiveram grande sucesso entre o público adulto menos instruído. No caso concreto deste *Memorial*, há a vantagem, referida por diversos autores, de esta obra, e os romances de cavalaria em geral, terem sido considerados como literatura popular, e sucessos editoriais na época em que foram originariamente publicados. Daí poder esperar-se que também possam agora gozar da preferência dos leitores.

Contudo é também um bom argumento que as actuais realidades socioculturais são muito diversas das do século XVI, e que o amor cortês e os torneios de cavalaria poderão surgir aos olhos dos adolescentes de hoje como fenómenos de outra galáxia. Mas este pode ser precisamente um argumento a favor da leitura da obra no presente. Pois não é verdade que são obras com estes graus de estranheza que se constituem como os maiores (até pelo normalmente grande número de páginas) sucessos editoriais dos nossos dias? Que relação com a realidade de hoje têm por exemplo *O senhor dos anéis* ou a saga de Harry Potter? Sendo assim porque não um romance de cavalaria do século XVI?

Para ajudar quem quiser entrar nesta aventura, Cláudia Sousa Pereira fornece ajudas preciosas, que aliás poderiam ser aplicadas também à “leitura em grupo” de outras obras. Ao longo de todo o livro estão inseridas em caixas destacadas úteis “sugestões ao mediador”, que podem servir como guia para a exploração da obra. Para além disto, um capítulo inteiro intitulado “Planear a Actividade” é dedicado a fornecer uma espécie de guião por etapas para ajudar o mediador de leitura não só na fase de planeamento mas também no desenvolvimento da leitura em grupo.

Este não é um livro para ser lido, estudado, eventualmente referenciado, e depois guardado na prateleira. Não; este livro requer acção, sugere actividade e espera-se que seja de grande utilidade para todos aqueles que em Portugal estão convencidos da utilidade e suprema importância de sermos uma nação leitora. E por isso teimam em fazer da sua profissão e paixão, o acto de dar e levar a ler.

Para concluir, e quase como uma nota de rodapé, fica aqui uma sugestão para quem quiser espreitar ou mesmo ler o *Memorial*: Façam uma pesquisa no Google com o título completo da obra. Está disponível no ciberespaço, em vários sítios e em versão integral.

José António Calixto

INTRODUÇÃO

ÍNDICE

Introdução	7
Jovens e Livros, Escolhas e Leituras	15
O Livro	21
Orientações	31
Estrutura da Obra	43
As Aventuras	51
Sobre o Amor	89
Sobre o Torneio	99
D. Sebastião	105
Planear a Actividade	123
A Fechar	131
Bibliografia	137

INTRODUÇÃO

Não é um bom livro êste, maçador, emmaranhado e de que se salvam algumas páginas apenas.

Albino Forjaz de Sampaio,
História da literatura portuguesa ilustrada, 1929.

A leitura literária parece ser uma preocupação de quem estuda literatura e de quem se dedica profissionalmente às práticas, e inferências teóricas destas decorrentes, da didáctica da literatura em diversos níveis escolares. Todavia, no sistema escolar português, a preocupação com a iniciação à leitura especificamente literária aparece tardiamente, pelo menos de forma oficial. Surge, nos primeiros anos de escolaridade obrigatória, quase como uma actividade de extensão, onde ler livros de qualidade estética é um acto muito diluído entre a aprendizagem da língua materna e a cada vez mais actual necessidade de ir criando hábitos de leitura nas crianças portuguesas. É tão recente a investigação que cruza a leitura literária com a prática lectiva na escolaridade básica, que os próprios projectos de investigação têm, muitas vezes, dificuldades em captar para si, nos lugares em que a investigação se desenvolve, universidades e centros de investigação, parceiros que sejam oriundos de outros níveis que não o universitário e cujo trabalho quotidiano, no terreno, se revelaria imprescindível para a aferição de paradigmas a instalar na leccionação de introdução de boas práticas de leitura literária.

Por que razão, parece oportuno o leitor comum destas linhas perguntar, atribuir tanta importância à leitura literária num país que está a anos-luz de conseguir índices leitores apenas razoáveis? Se não temos leitores portugueses, porquê insistir em quereremos ter especificamente mais leitores literários portugueses? A estas questões poderemos tentar responder com a pequeníssima reflexão que é feita no nosso país sobre o assunto, verificando alguma informação a que tivemos acesso¹, e sobre os quais

¹ Consultem-se os estudos e as investigações publicadas pelo Observatório de Actividades Culturais (www.oac.pt) que se define, na sua página própria, como «uma Associação sem fins lucrativos, tendo por associados fundadores o *Ministério da Cultura*, o

não nos demoraremos, relativos ao trabalho que se faz nas bibliotecas públicas do país, na realização de levantamentos sobre as percentagens de empréstimos nas diferentes áreas: o livro científico aparece, e não apenas no nosso país, como o livro mais requisitado. Poderíamos, eventualmente, partir do princípio que a ficção, a poesia ou o texto dramático farão parte de bibliotecas pessoais. Basta consultar as páginas electrónicas² das associações de editores e livreiros, que apresentam dados muito lacunares, para nos confrontarmos com o lugar que o livro ocupa na lista de compras dos portugueses, e perdermos as ilusões quanto à riqueza, em qualidade, variedade ou até mesmo quantidade de livros que os portugueses têm em casa. E se o argumento da falta de poder de compra parece servir de justificação, a cada vez maior acessibilidade das bibliotecas públicas no empréstimo domiciliário virá deitar por terra esse argumento. Tal como o mercado do vídeo não retira enchentes nas salas de cinema, se fossemos um país de leitores o número de idas à biblioteca pública não afectaria o mercado livreiro, ou seja a aquisição de livros para as estantes das nossas casas. O que afecta os objectivos de incrementar o número de empréstimos numa biblioteca pública ou o número de vendas de uma editora é, única e exclusivamente, a falta de hábitos de leitura dos portugueses.

As razões históricas e políticas que poderíamos imputar a culpa da falta deste hábito, e que são estudadas noutra âmbito que não o nosso, importa encontrar as razões que pertencem à área em que nos movimentamos melhor: a dos estudos literários e da promoção da leitura literária. Muito em particular, e porque estes processos de criação de um hábito, mesmo em “estados de emergência”, demoram tempo e têm como terreno mais fértil e promissor a camada mais jovem da sociedade, movimentar-nos-emos na delimitada, mas não fechada, área da literatura infanto-juvenil.

Importa ainda, no pórtico desta pequena obra, esclarecermos de forma breve algumas das posições e linguagens que ao longo dela utilizaremos, bem como tornar mais claro, por muito presunçosa que da parte de um Autor a intenção possa parecer, quais os eventuais destinatários das páginas que se seguem. Começamos, aliás, por esta última questão, para que quem percorra estas linhas iniciais se sinta minimamente tentado a prosseguir, ou levado a abandonar, o caminho que lhe propomos.

O livro que se publica é, em parte, uma versão do texto que apresentamos para obtenção do grau de doutor em Literatura Portuguesa, na

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e o Instituto Nacional de Estatística. Ocupa-se da produção e difusão de conhecimentos que possibilitem dar conta, de uma forma sistemática e regular, das transformações no domínio das actividades culturais, com destaque para estudos de públicos, eventos culturais e respectivos impactos, políticas culturais, agentes (artistas, utentes de equipamentos culturais, etc.) e estudos de levantamento de instituições culturais (bibliotecas, museus, etc.)».

²Ainda assim consultem-se os dados existentes em www.apel.pt

Universidade de Évora em Outubro de 2000. As muitas modificações que se fizeram podem justificar-se por considerarmos que nem sempre um trabalho académico, aliás sempre disponível no fundo dos trabalhos científicos fotocopiados da Biblioteca Nacional, tem em consideração o público leitor comum, mesmo quando interessado em questões mais específicas. Destinando-se muitas vezes a servir, para além de prova de um trabalho de investigação, para se submeter à apreciação de um júri que nos decide o futuro profissional, as teses académicas cruzam referências que sobrecarregam a leitura que se deseje mais fluida, mais directa ao assunto que leva um livro às mãos do seu leitor. É até a pensar num público mais vasto que o próprio formato do livro impresso existe, como foi a pensar num leitor privilegiado, o jovem rei D. Sebastião, figura mítica do imaginário português, que a obra que estudámos, e que apresentamos como objecto de mediação, tomou forma.

Por outro lado, algum tempo passou desde a última revisão deste trabalho de tese, distância que nos permitiu alargar horizontes e olhar para esse objecto de uma outra forma. Tendo orientado os nossos interesses lectivos e de investigação para o campo da literatura infanto-juvenil, pareceu-nos que este trabalho poderia orientar-se também dentro deste domínio, abrindo caminho a uma exploração nos primórdios de uma História dos textos literários que, por qualquer razão, os autores decidiram dedicar a leitor ou leitores de tenra idade, como é o caso deste *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* cuja primeira edição impressa é de 1567. Não que a nossa leitura literária da obra tenha sofrido grandes alterações pois, como defendemos nós os que nos dedicamos à Literatura para os mais novos, um texto literário, qualquer que seja o seu virtual leitor, não deixa nunca de ser literário, sendo a leitura literária um percurso comum à “literatura dos grandes e dos pequenos”.

Ao ensinar literatura para a infância e juventude tornou-se-nos imprescindível desenvolver, recolocar e responder a questões em torno da leitura literária, muito em particular na necessidade de sensibilizar os mais novos para a especificidade de textos que, quando ajudados a ler por “outros olhos”, podem revelar-se tesouros de prazer escondidos. Como este livro de cavalarias que vos será “lido”. Como também o “nosso Autor”, Ferreira de Vasconcelos, sob a capa da aventura cavaleiresca soube dar a ler, graças à sua arte literária apesar de segunda-mão, num género que didacticamente se quis definir como ABC e expôs as virtudes do saber amar e a necessidade do casamento a um jovem rei. Mas a arte da literatura, se calhar como as ciências da educação, não tem receitas nem resultados óbvios, e o rei, como todos sabemos, nunca casou, complicando-se a História de um país assim romanescamente “pendurado” pelo final feliz nunca chegado...

Pareceu-nos, pois, que a publicação da leitura desta obra quinhentista apareceria como um exemplo de “guião de leitura” para uma obra que

terá constituído um *best-seller* na sua época (o género, pelo menos, era-o ou não tivesse no século seguinte, em 1605, Miguel de Cervantes caricaturado o leitor de livros de cavalarias na figura de Dom Quixote), de forma a que, mesmo não sendo esta obra de fácil acesso para os jovens leitores dos dias de hoje (pela temática, mas sobretudo pelas dificuldades da própria língua portuguesa marcada pelo seu tempo), ao falarmos dela se proponham linhas de leitura que levem à própria promoção da obra. O nosso conhecimento da obra não estará assim confinado ao puro exercício académico do qual resulta o demonstrar conhecimento de poéticas e preceptivas de um sistema literário próprio, na qual a obra se insere, mas terá, na nossa opinião, o objectivo de expor, pelo próprio exercício de que veremos as diferentes fases de montagem e reconstituição, as vantagens que uma leitura literária pode trazer para a leitura de prazer. No limite, e conscientes que estamos de que o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* não será o livro-de-cabeceira dos leitores deste trabalho, poderíamos desejar que ao terminarem a última página se sentissem tentados a pegar nessa “embrulhada” de aventuras de cavaleiros e donzelas, qual telenovela dos primórdios da imprensa, e a lê-la com os olhos do leitor cujo espírito estará mais desperto para os artificios que o texto literário põe como desafio aos seus leitores.

Definidos estes objectivos, importa ainda prevenir que a linguagem utilizada na nossa leitura do texto quinhentista será ainda, e expressamente, muito ligada à linguagem que os estudos literários, enquanto área científica, utilizam. Apesar de ao longo da vasta história dos estudos literários, várias terminologias se terem sucedido e mesmo coincido, em função de correntes teóricas que se sucederam, também em função das próprias evoluções e revoluções no discurso literário de gerações de autores, a leitura que nos propomos fazer do *Memorial* não percorre o caminho dos recursos estilísticos manobrados pelo seu autor, mas sim a utilização que este faz de temas e motivos constituintes de uma linguagem que, não estando só nesse outro nível verbal de apreensão do real que é a do texto literário ficcional, integram uma outra realidade, a do Imaginário. Toda a nossa orientação teórica partiu, então, de um plano em que o texto literário, mesmo apresentando-se como manifestação estética e utilizando uma linguagem com características particulares porque literária, não deixa de relacionar referentes culturais importantes (históricos, sociais e antropológicos) que nos permitirão chegar até às nossas conclusões que envolvem a personalidade histórica de D. Sebastião, o primeiro leitor da obra, e as “histórias” em torno dos seus gostos leitores e da forma como estes ditaram os destinos da nação.

Esta utilização de linguagem própria, a que poderemos com algum à-vontade adjectivar como linguagem técnica da área dos estudos literários, justifica-se pela única e indiscutível razão de que cada objecto de

valor merece que o apreciem os peritos. Não quer isto dizer que quem não tenha formação específica em teoria da literatura fique automaticamente excluído do número de leitores deste trabalho. A experiência que temos tido em grupos de leitura, compostos por leitores de vários níveis e tipos de formação, mostraram-nos que são os que não têm formação específica nesta área que muitas vezes levantam as questões mais desafiantes e inquietantes nas propostas que os textos literários, e sobretudo os textos narrativos, apresentam ao construir universos ficcionais. As perguntas que fazem ao texto e expõem publicamente nas reuniões do grupo revelam uma actividade hermenêutica latente, quase básica e inata ao ser humano que se quer inteligente e pensante. O prazer de uma leitura activa leva o leitor a entrar no mundo do livro e do texto literário de tal forma que as perguntas revelam, como se necessidade houvesse de justificação, a importância das teorias da literatura.

Importa ainda, e uma vez que começamos paulatinamente a entrar no campo dos estudos sobre o literário, justificar uma designação que utilizámos para a produção literária dedicada aos mais novos. Quando os estudos nesta área eram ainda escassíssimos³ a designação utilizada para fazer referência ao conjunto das obras editadas a pensar num potencial receptor mais jovem era o de «literatura infanto-juvenil». Esta designação parecia, no entanto, criar algumas confusões, quanto a nós absolutamente ultrapassadas nos dias que correm pelos caminhos destes estudos, pois poder-se-ia confundir a literatura *por* ou *para* crianças e jovens. Esclarecido que está, actualmente, o valor das obras que são seladas pelo adjectivo *literário* e que dificilmente, embora não impossivelmente, serão de autoria de crianças, apenas será justificável a divisão entre «literatura para a infância» e «literatura para jovens», em virtude das diferentes características que um objecto literário possa apresentar para uma determinada faixa etária. Aliás, estamos cada vez mais conscientes de que a própria definição de características ou paradigmas de umas ou outras faixas etárias são dinâmicas, tendo vindo a evoluir ao longo dos séculos, com justificações que os estudos empíricos psico-pedagógicos vão apresentando, após a aplicação de várias metodologias e avaliações científicas. Optemos, então, por designar esta área dos livros de potencial recepção infantil e juvenil como *literatura infanto-juvenil*.

³ Repare-se que a primeira tese de doutoramento nesta área, intitulada *O Teatro para Crianças em Portugal – História e crítica*, posteriormente publicada pela editora Caminho, é da especialista Glória Bastos e foi defendida em Janeiro de 2003, tendo sido uma investigação na área científica dos Estudos Portugueses. Isto revela a dificuldade que a instituição universitária tem tido em criar uma área específica da literatura infanto-juvenil, o que pode ter duas leituras: ou a área não é suficientemente importante para se constituir como área autónoma; ou então, a matéria que estuda é tão importante que se justifica incluí-la no vasto domínio dos Estudos Portugueses.

Questão mais controversa será incluir um livro como o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* neste campo literário. Os estudos universitários sobre obras deste género menor que são os livros de cavalarias, dos quais destaco dois trabalhos – um mais de conjunto intitulado *Livros Portugueses de Cavalarias, do Renascimento ao Maneirismo* realizado por Isabel Almeida, de 1999, e outro intitulado *Aventura e Identidade, História Fingida das Origens e Fundação de Portugal – Crónica do Imperador Clarimundo* por Maria do Rosário Paixão, de 1996 – não mencionam esta proposta, optando por realçar a popularidade do género para o seu “esquecimento” ou marginalização pela historiografia da literatura portuguesa. Também a literatura infanto-juvenil, como já vimos, tem sido arredada do centro do cânone literário para as suas margens, ao ponto de os seus estudiosos sentirem como urgente a actualização de estudos de casos que, dentro desta “marginalidade”, façam a triagem necessária entre obras literárias infanto-juvenis centrais e “apenas livros” infanto-juvenis. Estas escolhas afectam inclusivamente a própria produção literária mais actual, uma vez que o contacto entre a massa crítica dos investigadores e os próprios autores é muito próximo.

Quando se trata de perspectivar historicamente a produção para a infância e juventude, muitas das obras que os estudiosos incluem no centro do cânone literário infanto-juvenil apresentam graus de dificuldade próprios de uma valiosa linguagem literária, que impedem a sua leitura pelos leitores implícitos “actualizados” aos dias de hoje. Esta distância do tempo da escrita para o tempo da leitura terá influenciado a própria falta de interesse que os estudiosos da Grande Literatura foram atribuindo aos livros de cavalarias, considerando-os literatura menor e tratando-os como apenas documentos de interesse cultural, não pondo sequer a hipótese de constituírem uma parte da história da literatura infanto-juvenil em português. Até porque, também o carácter repetitivo, semelhante ao das séries que exploram um modelo até à exaustão, empurrará tendencialmente este género literário para o enorme, porque estudado por diversas áreas das ciências humanas e sociais, domínio da cultura de massas. No entanto, as breves histórias da literatura infanto-juvenil a que temos acesso hoje em dia, com destaque para as de autoria de Natércia Rocha (1984) e José António Gomes (1997), incluem referências a estas obras. Natércia Rocha, uma das primeiras, se não a primeira grande estudiosa da literatura infanto-juvenil em Portugal, no entanto afirma:

«No que se refere aos séculos XVI e XVII, na passagem da difusão do texto oral à difusão do texto escrito, não parece lícito distinguir obras como sendo especialmente dedicadas ao público infantil, pois na verdade esse público não existia; o que se encontra é um público constituído por adultos de reduzida cultura e crianças, numa ambiguidade que se prolongará pelos séculos, evidenciando-se nos períodos de

expansão de ideias de promoção das classes menos cultas, designadamente no século XIX.» (ROCHA, 1984:34).

José António Gomes, evocando outra estudiosa, Maria Laura Bettencourt Pires (1983), fala também destes primórdios da literatura infanto-juvenil em Portugal, ainda que exclusiva de uma elite:

«Em meios nobres e mais cultos, é de igual modo provável que romances de cavalaria como *Amadis de Gaula* (1ª edição conhecida em 1508, atribuído a Vasco de Lobeira), *Crónica do Palmeirim de Inglaterra* (1544, de Francisco de Moraes), ou a *Crónica do Imperador Clarimundo* (1522, escrito por João de Barros e dedicado ao príncipe D. João, filho de D. Manuel I) tenham cativado a juventude com os seus ideais cavalleirescos e os seus episódios aventureiros e fantasistas. Recorde-se, aliás, que o efeito dos relatos orais deste tipo de histórias nos mais jovens é abordado por Bernardim Ribeiro, como oportunamente assinala Maria Laura Bettencourt Pires. Em *Menina e Moça* (1ª ed., Évora, 1554; 2ª ed., Ferrara, 1557), evocam-se “*os longos serões das espaçosas noites de Inverno*”, em que “*uma mulher de casa, já velha, que vira muito e ouvira muitas cousas (...) contava historias de Cavalleiros andantes. E, verdadeiramente, as affrontas e grandes aventuras que ella contava que se elles punham, polas donzellas, me fazia a mim haver dó d’elles*” (v. PIRES, 1983:30)» (GOMES, 1997:5).

Não deixando, de facto, de ser documentos interessantes que nos dão um retrato de um tipo de leitor – mais popular, menos culto e, como tal, aparentemente menos exigente em termos de valor literário – os livros de cavalarias não podem deixar de preencher um espaço na história da literatura infanto-juvenil em português, quanto mais não seja por representarem mais uma face da apropriação de uma matéria considerada como muito digna pela crítica literária a nível mundial, a matéria da Bretanha, que prolongou as suas influências a diversíssimas áreas culturais (literatura, cinema, videojogos) até aos nossos dias.

Se no seu tempo foram lidos por uma elite, tendo sido resultado de uma fixação por escrito de matéria textual oral (e lembramos os grandes romances de Chrétien de Troyes), a sua re-oralização perpetuou as aventuras cavalleirescas, assumindo diversos desdobramentos em personagens e situações que as repetiram como se de formas arquetípicas, modelos a seguir, se tratassem, e para um público que, actualmente, se identificará como leitor infanto-juvenil. Essas primeiras versões impressas em português das aventuras de cavaleiros e donzelas, tal como outras grandes obras clássicas da literatura universal, são para estes leitores de hoje um objecto literário de difícil acesso e, por isso, alguns deles sofreram adaptações nos anos vinte, trinta e quarenta do século passado (lembramos a obra de Afonso Lopes Vieira *O Conto de Amadis para os Rapazes Portugueses*, 1938). Mas

também estas adaptações não constituem hoje leitura de eleição para os jovens que, por questões e artifícios de mercado também, procuram heróis que vão quase directamente buscar a esses antepassados cavaleiros as virtudes e valentias, com “roupagens linguísticas” diferentes⁴.

Este afastamento quer dos “originais”, caracterização muito pouco própria mas que utilizamos por se tratarem de facto de primeiras manifestações de que há ainda testemunho, quer das adaptações posteriores mas ainda assim já antigas, levou-nos a propor a “versão original” deste *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* como «objecto de mediação de leitura literária». O objectivo não será apresentá-lo como um livro de leitura obrigatória para a educação literária dos nossos jovens, mas antes sugerir que a sua leitura por um adulto, acompanhada pelo trabalho da nossa própria leitura, permita que esse adulto mediador de leituras, o apresente como sugestão a um jovem que tenha hábitos de leitura e que apenas precise de um “empurrão” para entrar no mundo dos “textos antigos”, muito embora todos nós saibamos que a sua antiguidade seja relativa face à longa história da literatura universal.

Este trabalho cuja leitura agora vos propomos poderá servir de exemplo para uma leitura dinâmica e interactiva, atrever-nos-íamos a dizer. Conhecer muito bem uma obra que vamos dar a ler a outros é uma condição imprescindível, obrigatória. A tarefa torna-se mais difícil quando confrontamos um leitor jovem ainda não preparado para uma obra que lhe dizemos dirigir-se-lhe, mas com a certeza de que será de difícil acesso. Pela leitura deste trabalho talvez o leitor que o tem entre mãos, e que seja também um mediador de leitura (professor, bibliotecário, animador cultural), se torne ainda mais consciente de que um livro se lê fazendo-lhe perguntas, e que as respostas se encontram nele, na época em que foi escrito, na vida do seu Autor, mas também nas diferentes leituras que dele vão sendo feitas ao longo do tempo e em diversos lugares. Esta proposta de leitura do *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, um livro de cavalarias vindo do século XVI, que viu a luz do dia quatro séculos antes desta leitora ter nascido, é um desafio para que se entenda a leitura do livro como uma actividade que, para além do prazer, implica trabalho e persistência. E que tal como acontece com o prazer que se quer repetir, também o exemplo deste estudo de um livro para a mediação da leitura se poderá repetir para outros livros que, saídos do nosso gosto o transmitam, pela palavra e pela reflexão, a outros leitores.

⁴ O nome que nos vem imediatamente à memória é o da personagem *Harry Potter* cuja criadora, J.K. Rowling assumiu ter ido buscar muita inspiração aos romances de Chrétien de Troyes.

JOVENS E LIVROS, ESCOLHAS E LEITURAS

A leitura literária exige, como todos sabemos, uma predisposição que só alguns jovens, muito poucos aliás, parecem ter nos tempos que correm em Portugal. Vamos, no entanto, partir desde já, e fazemo-lo como aviso prévio, de que falaremos daqui em diante de jovens que à partida gostam de ler e lêem. Não se trata já de falar em estratégias para pôr o jovem em contacto com o livro, trata-se de dar a quem já gosta de ler uma habilitação melhor na leitura de textos mais difíceis.

Certo é que se dá, actualmente, o estranho fenómeno de os *best-sellers* dos últimos anos serem livros de extensão considerável, chegando a atingir o espantoso número de quinhentas e mais páginas por obra. A extensão parece não ser um elemento dissuasor, estando todavia sem sombra de dúvida o sucesso de tais “calhamaços” muito mais associado a todo um poderoso e habilidoso aparelho de *marketing*. As estratégias de venda não passarão obrigatoriamente pelo que vulgarmente poderíamos chamar “intrujice”, sendo que a lógica promocional sabe perfeitamente que alusões a gostos mais óbvios dos adolescentes (cinema ou jogos, sobretudo), subliminarmente evocados na capa de um livro, podem sempre resultar em mais compras. Estas estratégias resultarão independentemente da intervenção de um mediador adulto com alguma formação literária que, de forma consciente e conhecedora, pudesse assumir o papel de conselheiro. São escolhas para leitura selvagem, uma classificação de Denise Escarpit (1988) para o circuito autónomo da camada de jovens leitores que possuem hábitos de leitura, adquiridos muitas vezes fora da escola por influência familiar ou de amigos, mas sem objectivos programáticos de os “fazer ler” ou dar-lhes alguma cultura literária.

A leitura livre e voluntária será sem dúvida o melhor caminho para que nasça um leitor que continue a sua vida levando consigo hábitos de leitura. Não é raro até assistirmos, e haverá nos estudos sobre didáctica da literatura quem sobre estes assuntos se dedique, a que jovens com hábitos de leitura razoáveis, mostrem alguma relutância na abordagem das obras clássicas obrigatórias dos programas escolares do terceiro ciclo do ensino básico e secundário. Parece haver uma atitude de resistência, típica do adolescente comum, em não seguir os conselhos dos adultos, mesmo no campo das leituras. Contra este fenómeno nada há a fazer. Sempre foi

assim, não será agora que o vamos mudar. Poderemos, no entanto, fazer com que uma tarefa que à partida fosse deixada à vontade do jovem leitor seja subtilmente orientada por um adulto. Não podemos fazer com que os jovens passem a estar sempre de acordo com os gostos do adulto, mas poderemos sempre esticar a nossa autoridade a um limite em que essa relação – “o que tu gostas e o que eu gostava que tu gostasses” – permaneça, mais ou menos elástica, sem se quebrar.

Ler os clássicos é sempre uma tarefa de sala de aula, não tenhamos ilusões. Não é preciso recuar muitas gerações para que os exemplos de textos que eram lidos por jovens em momentos de lazer, sejam hoje considerados clássicos de leitura mais difícil. O tempo aqui também não perdoa. Não nos espantaríamos muito que as colecções dos *Cinco* e dos *Sete*, dos *Mistério* ou das *Gêmeas* de Enid Blyton que preencheram os longos dias de férias da nossa juventude passassem a figurar, em forma amputada de excerto, em manuais de Língua Portuguesa do primeiro ou segundo ciclos. No tempo em que essas eram as nossas leituras selvagens, já os de Verne eram livros que os mais velhos aconselhavam por terem sido leitura livre e voluntária na sua própria juventude. Não tenhamos ilusões, os tempos mudam mesmo de geração para geração, mudando os paradigmas e os padrões de estética. O que não quer dizer que se deva promover a ignorância não levando as gerações a construírem o seu futuro sobre um património conhecido. Há, neste campo da educação literária, que persistir no ensino das obras marcantes, estando todavia conscientes de que o gesto autónomo do jovem de hoje na escolha do livro de cabeceira dificilmente coincidirá com o da geração imediatamente anterior. E estarmos conscientes disso vai seguramente ser-nos útil ao pensarmos em estratégias para darmos a ler aos jovens de hoje clássicos do, por exemplo, século XVI.

O século não foi obviamente escolhido ao acaso. É o século de Camões! Mas é também o século dos livros de cavalarias impressos, literatura menosprezada na época, como veremos mais adiante. Parece-nos razoável que desse longínquo século nos chegue aos manuais de Literatura Portuguesa o nome maior. Não o questionamos sequer, como parece que já terá sido tentativa de instâncias superiores bem mais poderosas do que um simples autor como nós, ainda que com responsabilidades por tornar públicas as suas opiniões ou pela sua própria actividade profissional da docência. O que nos pareceu, todavia, interessante e digno de partilhar foi que daquele século se conhecesse também aquilo que hoje poderíamos chamar leituras selvagens da época. Talvez começar a percorrer o circuito das leituras paralelas de uma época tão distante, mas mais ou menos estável pela ajuda técnica da imprensa, também de forma paralela nos dias de hoje, possa ser um modo de ajudar a tornar efectiva e

substantiva a prática da leitura literária. A proposta concreta é a de que se trabalhem, ainda que fora dos programas de ensino do Português Língua e Cultura, num outro circuito que podia ir desde as actividades de extensão como o são algumas disciplinas actuais, ou melhor áreas curriculares não disciplinares, (Área de Projecto ou até mesmo Estudo Acompanhado) cuja tendência, mesmo podendo revestir-se de outros rótulos, será permanecer nas escolas sendo-lhes atribuídas cargas horárias efectivas, até às actividades da Biblioteca Escolar, espaço que deverá ganhar na nossa sociedade uma importância que parece permanecer ainda e só em alguns profissionais da Educação (professores, gestores autárquicos ou até pessoas com cargos em política educacional)¹.

Como se pode ler na epígrafe da introdução, o *Memorial* é um livro difícil e longo. É, no entanto, um livro de aventuras que, retirando-lhe a importância que possa ter para a história da literatura enquanto sistema que importa estudar em todas as suas vertentes, parece desde logo muito mais apropriado a um leitor jovem, ainda que do século XXI, do que a um adulto. Por que não dá-lo a ler aos jovens de hoje, muito embora conscientes de que tenha que ser uma leitura muito mediada? É com efeito o que pretendemos: preparar o mediador para um contexto formal, ainda que em actividade aparentemente informal e/ou de carácter optativo. Aidan Chambers em *The Reading Environment* (CHAMBERS, 1991) realça três grandes momentos naquilo a que chama o círculo da leitura: a selecção, a leitura em si mesmo e a reacção. O adulto mediador que tenha a seu cargo a função de dinamizar a leitura de uma obra deve estar sempre presente nestas fases e ter consciência da importância destes três momentos.

A selecção, quando se trata de uma escolha por um grupo, é obviamente resultado de momentos de cedência para uns e capacidade de argumentação para outros. A intervenção do adulto será sempre justificada, a partir do momento em que a actividade seja toda ela programada pelo adulto, com regras bem definidas à partida, para que os jovens leitores não se sintam depressa desiludidos com o decorrer da actividade. Mesmo quando não haja à partida um conjunto de obras seleccionadas pelo adulto responsável do grupo de leitores, pode-se em certos casos em que o tempo e a capacidade de encontrar exemplares em número suficiente o permitam, dar linhas directivas quanto às obras a seleccionar para leitura. Por exemplo uma lista com um livro de cada um dos géneros literários mais consensuais (poesia, drama e narrativa), ou por nacionalidades ou por épocas, ou ainda, só livros adaptados ao cinema. Enfim, haverá sempre critérios que, de forma mais ou menos consensual, permi-

¹ Leiam-se os documentos facilitados pelo Ministério em <http://www.dgicd.min-edu.pt/serprof/acav.asp>

tam que num ano lectivo se distribuam pelos períodos escolares um bom par de leituras.

No presente caso, a selecção desta obra está, como vimos em parágrafos acima, justificada. Conhecer os primórdios das séries de aventuras dos nossos dias parece-nos uma boa razão para quem tenha a paixão pela leitura literária, e falamos do lado dos jovens leitores em idade escolar. Se pensarmos pelo lado do professor / bibliotecário / mediador de leitura que se queira aventurar pelos caminhos dos clássicos, integrando a literatura duplamente marginalizada – na época do seu nascimento por ser género menor, actualmente por ser de difícil compreensão leitora mesmo para bons falantes e leitores de português – em actividades escolares paralelas às actividades da área curricular do Português, facultaremos um aparelho de sugestões de leitura e discussão que permitam ensinar / aprender que a leitura literária começa pela noção de profundidade, que nos dá depois o acesso à extensão. Ler melhor, de forma mais empreendedora (porque “compreendedora” não existe e compreensiva não se aplica!) para que ler mais seja uma consequência daí decorrente.

Importa, pois, que nos preparemos para enfrentarmos a nossa escolha partindo desde logo do princípio de que a literatura é um sistema. Não há obras que surjam descontextualizadas, ou fora de influências. Todos os autores foram leitores e essas leituras lêem-se nas suas obras. Mesmo as obras que mudaram rumos na história literária universal – as grandes obras ou obras-primas – têm um antes e um depois que *as* influenciaram ou que influenciaram as diferentes leituras que ao longo dos tempos delas se vão fazendo. Para que a selecção seja coerente como trabalho que se pretende fazer há uma condição imprescindível, incontornável como agora sói dizer-se: o mediador deve conhecer muitíssimo bem o objecto-livro a mediar. Outras leituras serão possíveis, não temos dúvidas, e da discussão em grupo sobre a leitura da obra elas se confrontarão. Mas nada como levar alguns (pré)conceitos que se possam facilmente tornar em só mais um conceito sobre um qualquer livro, sendo que, neste caso presente, é este livro de cavalarias dedicado ao jovem rei D. Sebastião. É precisamente sobre os dados possíveis e algumas considerações em torno do *Memorial* que vos falaremos agora, bem como de algumas posições que fomos tomando para nos orientarmos na nossa própria leitura da obra.

SUGESTÕES AO MEDIADOR:

- Os jovens envolvidos devem mostrar um interesse óbvio, mesmo que demonstrem algum receio em levar a tarefa a cabo.
- A tarefa deve ser apresentada com um título apelativo. Qualquer coisa como «Calhamaço do século XVI procura desesperadamente bons leitores» ou «Vem descobrir a vida amorosa dos cavaleiros da Segunda Távola Redonda».
- Este trabalho deve ser feito com um grupo de, no máximo, 10 jovens, podendo haver tantos grupos quanto os necessários, em função das diversas disponibilidades (horários dos professores/bibliotecário, dos alunos, das disciplinas, da biblioteca ou sala para o efeito).
- O trabalho pode e deve ser integrado numa disciplina com características semelhantes à de Área de Projecto, com a colaboração dos professores de Português e de História que na primeira sessão poderão vir falar do género e do contexto histórico, respectivamente.

A FECHAR

Enviar a mensagem de exaltação do amor e do casamento a um leitor muito específico – D. Sebastião – e a outro mais generalizado – os jovens –, foi o objectivo que fomos lendo nas entrelinhas do *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*. Mas enviar essa mensagem de uma forma subentendida, disfarçada numa obra repleta de proezas guerreiras, justas e batalhas, parece não ter surtido, no primeiro destinatário, os seus efeitos.

O amor tem lugar central nas aventuras dos cavaleiros da Segunda Távola Redonda, tal como o casamento o tem na monarquia e na segurança da nacionalidade, pelo que sobre eles, amor e casamento, Ferreira de Vasconcelos escreve, em forma de ficção, de sentença, “suspiro” poético e, afinal, até de texto historiográfico. Confrontar o *Memorial* com a realidade do assunto matrimonial de D. Sebastião foi o caminho que encontrámos para esclarecer na obra a sua “matéria negra” que, injustamente, vimos sendo menosprezada ou ignorada pela maioria dos autores que à obra se refere. Apanhado na torrente do profetismo milenarista, o *Memorial* foi arrastado no conjunto das acções que trivializaram o mito do Encoberto e descobriram em D. Sebastião o símbolo desse arquétipo. Mas este livro é muito mais do que isto.

Não podendo ser considerada, pelas restrições do género, como uma novela sentimental, o *Memorial* obra tardia (e aparentemente só) da bibliografia de Ferreira de Vasconcelos vê, com a leitura e interpretação que dela fizemos, o que julgamos ser o seu verdadeiro valor recuperado. O *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* é uma obra que prima pela subtil actualização através da ficção de correntes de pensamento expressos em tratados de grandes pensadores do humanismo renascentista. O estilo, não sendo inovador no tom, e seguindo de perto os modelos medievais, não traz novidade ao género, mas o entrelaçar das aventuras numa trama de capítulos que acaba mesmo por trair o seu autor – referimo-nos à troca de capítulos na história de Brisam e Flore-sinda – revelam a enorme capacidade de compor uma tão grande quantidade de situações detalhadamente narradas, e um variadíssimo painel de figuras, cujas caracterizações vão sendo conseguidas através das próprias acções, para assim prender os leitores fieis ao género.

Assim é que Lucidardos, para quem a descoberta da mulher, após inúmeros feitos que justificariam no romance medieval a sua “posse”, abriu uma possibilidade de vida sem solução imediata: não passando pelo casamento, ou semelhante ligação, a convivência com Celidónia não promete nada mais do que uma nova errância, desta feita em busca do novo conhecimento que a sociedade cristã promete à heroína maometana, e em que o cavaleiro será uma espécie de guia. Com a abrupta interrupção das aventuras do par Lucidardos / Celidónia e da Segunda Távola Redonda, para se dar lugar à descrição de uma encenação do espectáculo que foi o torneio de Xabregas, poder-se-á concluir que a visão profética do dito torneio em nada vaticina a glória do povo lusitano.

Seguindo a linha de análise de Massaud Moisés, o torneio de Xabregas teria como função na narrativa o aportuguesamento da matéria cavaleiresca, tornando-a mais verosímil com a referência a um facto real histórico. É um recurso que faz parte do género dos livros portugueses de cavalaria do século XVI, o trazer a acção para espaço luso e a utilização da visão como meio dessa transposição, moda a que Ferreira de Vasconcelos não terá querido fugir, realçando o aspecto de documento interessante para o estudo dos costumes lúdicos no tempo de D. João III.

Sem deixarmos de considerar a obra um espelho de príncipes, julgamos que o autor a dedica sobretudo, quase exaustivamente, à educação sentimental de um futuro monarca, descendente de um príncipe que não chegou a ser rei, mas que soube amar como um verdadeiro e nobre cavaleiro, devendo, como tal, ser tomado para exemplo.

O que nos importou na interpretação que fizemos do *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* foi o conseguirmos pôr “a descoberto” na obra a sua existência mais obscura. O que nos levou a procurar no texto o “não-dito”, ou seja o que a obra revela, no sentido etimológico do verbo, e que lhe confere, na nossa opinião, um dos motivos da sua importância no panorama literário e cultural português. Esperemos que este trabalho, que agora encerramos, tenha conseguido fazer justiça a uma obra que é ainda ofuscada pela congénere de João de Barros. Nela, a arte do autor faz com que através de histórias de cavalaria, e com a explícita marca histórica do torneio de Xabregas, se encontre a expressão adequada para a constituição de um texto tão recheado de pequenos episódios, e que escolhemos apelar de “exemplário amoroso” em trabalho anterior.

O *Memorial* é um texto que pode funcionar como sugestão a um jovem que tenha hábitos de leitura e que apenas precise de um “empurrão” para entrar no mundo dos “textos antigos”. Complicado, cheio de ligações que facilmente se perdem e dificilmente se retomam, as aventuras destes cavaleiros parecem reunir num só volume vários livros que uma

série juvenil actual, das quais *Harry Potter* passou a ser o paradigma mais conhecido dos finais do século XX inícios do XXI, tornando-se como tal este clássico quinhentista um caso exemplar sobre o qual poderá recair com sucesso a acção de mediação da leitura com público de jovens.

Parece ser já ponto assente entre quem estuda o fenómeno da leitura, quer do ponto de vista teórico, quer em práticas quotidianas ligadas ao Ensino e à Educação, que o acto de ler pode ter níveis de profundidade diferentes, objectivos vários, usos plurais. Ler é hoje muito mais do que soletrar palavras dentro de frases dentro de textos. Ler é também interpretar e por isso lemos imagens, mensagens subliminares, gestos, expressões, estrelas, palmas da mão... De todas essas leituras, o chegar à compreensão da mensagem que lemos pode levar-nos a conhecer mais, mas também a discordar, a acrescentar, a meditar. E o objecto lido ganha, com cada leitura, sentidos que se vão acumulando e criando dentro de si tensões que, muitas vezes, determinam a vida desse objecto.

Na sociedade de consumo em que vivemos, a gestão do capital levou a que meios mais funcionais e rentáveis fossem utilizados por quem quer que a sua produção tenha o maior número de consumidores possível. Estratégias de várias sortes e artes vão nascendo todo o dia, revelando uma criatividade que julgávamos estar confinada aos que viam na arte um fim em si mesma, e que passaram a ser todos aqueles que através de discursos, textuais e não só, promovem “coisas” e “ideias” que podem ser adquiridas por outros. Trata-se de vender um produto de maneira a que a satisfação de quem o compra seja o lucro de quem o vende. A esta consciência de que entre o objecto e o seu consumidor não há uma ligação directa, chegou-se com o aparecimento de múltiplos objectos com características semelhantes que inundaram os mercados e cuja sobrevivência, para além das identidades/qualidades próprias de cada um dos objectos, vai depender dos discursos que as tornam mais apetecíveis aos seus consumidores. Ora estas complicações que gestores e economistas tratam de explicar servem-nos bem para ponderarmos o lugar necessário da mediação da leitura na actualidade.

Saber ler, como vimos, não chega para sermos “alguém na vida”. No seu *Dicionário do Século XXI*, o economista e escritor Jacques Attali perspectiva, com algum humor, o futuro da literatura e do livro. Dizem assim as entradas para Literatura e Livro:

«Literatura. Reflexo do século em que se inscreve, a literatura dará conta do nomadismo e oferecerá ao nómada o espectáculo de um sedentarismo virtual.

A partir da sua invenção, a epopeia e depois o romance permitiram ao sedentário ultrapassar a sua imobilidade forçada através de uma viagem por procuração, com a Odisseia, as canções de gesta, D. Quixote, Robinson Crusoe ou Moby Dick.

Amanhã, ao invés, o romance oferecerá ao novo nómada o espectáculo de um enraizamento esquecido. (...)

Livro. Primeiro objecto nómada. Nos nossos dias, mais de mil milhões de indivíduos lêem pelo menos uma obra literária durante a sua vida. Daqui a cinquenta anos, serão já pelo menos três mil milhões. Por esta razão, o livro permanecerá um objecto insubstituível. A sua comodidade de leitura, a possibilidade de o compulsar, a qualidade e a luminosidade do papel permanecerão, durante muito tempo, vantagens sem rival. O seu custo baixará maciçamente. (...)

O editor permanecerá responsável pela escolha de manuscritos, mantendo-se na origem de projectos, companheiro de percurso dos criadores e promotor de obras. E o livreiro continuará a ser insubstituível conselheiro de um leitor navegando num catálogo, numa loja ou numa biblioteca pública.» (ATTALI, 1999)

As bibliotecas são lugares que a nós, leitores compulsivos e muito faladores sobre as nossas leituras, nos fascinam. A moderna biblioteca pública ou escolar é um lugar onde encontramos paz e sossego para as nossas leituras individuais, ao nosso próprio ritmo, com o nosso tempo próprio. Mas são também lugares onde grupos de leitura, apresentações de livros, encontros com escritores, textos e outros leitores nos dão essa tão desejada dimensão social da leitura. É essa a dimensão que faz subir níveis de literacia porque traz para a ribalta uma actividade tantas vezes e tão facilmente substituída por outras actividades de ócio.

Partiu-se também do princípio, com a recente vaga de incentivos ao livro e à leitura, de que o prazer da leitura literária não conhece dificuldades, acrescidas no seu início, privando os leitores da satisfação de vencer leituras consideradas difíceis e que permitem ao jovem aceder ao nível seguinte da sua própria maturidade intelectual. Também por estas razões escolhemos dar a conhecer a nossa leitura desta obra. Transformar leitores em *best-readers* passará muito por dar-lhes a conhecer com alguma profundidade os *best-sellers* da História¹.

¹ «O sucesso dos livros de cavalaria portugueses ao longo do século XVI e inícios do XVII é um dado mais que evidente. Da publicação em 1522 da *Crónica do Imperador Clarimundo donde os reis de Portugal descendem* (Lisboa, Germão Galharde), do historiador João de Barros, até à reedição da *Terceira e Quarta parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra na qual se tratam as grandes cavallerias de seu filho o príncipe dom Duardos Segundo* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1604), de Diogo Fernandes, este género conta em terras portuguesas cerca de vinte e cinco edições, cifra nada desdenhável do ponto de vista da recepção, que se vê incrementada pelas dezenas de manuscritos cavaleirescos conhecidos na actualidade, os quais deixam supor uma persistência do gosto por este tipo de literatura até bem entrado o século XVII, ou ainda princípios do XVIII.» (DIAZ-TOLEDO, 2006:233), afirma Aurélio Vargas.

Mas a promoção do gosto e do hábito de leitura, da discussão e da opinião sobre livros é tarefa a ser partilhada por muitos. Desde já, enquanto investigadores e académicos, temos consciente a urgência da extensão à restante comunidade que pede e necessita actualizações do seu saber. Estar a par de trabalhos, mesmo dentro de áreas específicas e dirigidas a públicos especializados, através de estudos que se vão realizando e que se devem apresentar em suportes e linguagens acessíveis a essa comunidade é uma obrigação que quase diríamos cívica. Partilhar o trabalho de investigação, dando o que nos pareceu mais útil aos outros, foi o que nos levou a publicar este livro. Mas, mesmo um caso tão específico como este do *Memorial* que abordámos, pode ainda ser trabalhado por outros. Não faltaria, por exemplo, uma boa adaptação destas aventuras em linguagem mais actual e não menos literária, por exemplo? E imagine-se o manancial que cada uma destas aventuras poderá representar para quem é contador de histórias de ofício e arte? Por ser um “livro maçador” que apenas interessou meia-dúzia de investigadores na Península Ibérica, que teve uma reedição em 1998 patrocinada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, numa colecção intitulada *Obras Clássicas da Literatura Portuguesa*, deverá permanecer nas prateleiras de outra meia-dúzia de eruditos?

Importa tirar estes clássicos do pó dos livros e, mesmo quando o circuito institucional do sistema de ensino os não leva para as mãos dos cidadãos, propor-lhes outras metodologias de leitura em que a consciência da dificuldade não leve à inércia promotora de *incultura*.

A exaltação do prazer da leitura resultou nos tempos que vêm correndo numa desorientação da leitura. O facto de se partir do princípio, a nosso ver errado, de que muito cedo os jovens devem ser autónomos até nas suas escolhas para leitura, veio ajudar à proliferação de monótonas publicações em que modelos se repetem de língua para língua, de editora para editora, de estante para estante. Obviamente deixados ao seu próprio abandono, retirou-se-lhes a hipótese de lhes dar a conhecer a variedade para que pudessem escolher e diversificar os seus gostos. Porque importa não só ler mais, mas também ler melhor. A promoção da leitura pelas instituições que, por dever de cidadania e compromisso social o podem fazer, deve ajudar precisamente a melhorar as competências leitoras, incrementando o aprofundar do acto de ler e, para além de formar mais leitores, formar mais e melhores leitores de literatura.